

***Fluxus na Alemanha 1962-1994 – Uma longa história com muitos nós***

*A temporada brasileira da mostra Fluxus abre em Curitiba e depois segue para São Paulo, Buenos Aires e retorna para a Europa*

A exposição *Fluxus na Alemanha 1962-1994 – Uma longa história com muitos nós* apresenta parte das obras e registros documentais produzidos por artistas fluxistas de 1962 até 1994. Com abertura da temporada brasileira em Curitiba, a mostra segue depois para São Paulo, Buenos Aires e retorna para a Europa.

A seleção das obras, cerca de 300, foi feita pela curadora alemã Gabriele Knapstein e organizada pelo Instituto de Relações Culturais com o Exterior da Alemanha (Ifa). A exposição é resultante da parceria entre o *Museu Oscar Niemeyer* e o Goethe- Institut/Curitiba.

Os alemães Joseph Beuys (artista plástico), Henning Christiansen (pintor e músico); Wolf Vostell (artista plástico) John Cage (músico americano); George Maciunas (músico lituanês); Nam June Paik e Takako Saito, os mais conhecidos representantes de origem oriental do movimento, estão entre os principais ícones do Fluxus.

**Obras**

Ao lado de outros importantes artistas, eles realizaram uma produção cujas obras inusitadas agregam música, artes plásticas, vídeo-instalações e performances. A mostra exhibe tanto trabalhos originais de artistas do Fluxus como de seus amigos. Paralelamente a apresentação de impressos e arquivo fotográfico que documenta os mais importantes concertos, o público poderá apreciar uma documentação cinematográfica rara e ouvir diversos exemplos sonoros de músicas fluxistas.

O material inclui ainda cartazes, catálogos de exposições, partituras, revistas e filmes –como “Flux-Filme”, de George Maciunas –, que registram projetos, concertos, festivais, performances e happenings dos artistas. Além de peças radiofônicas obtidas pelo trabalho conjunto com a emissora de rádio alemã, Westdeutscher Rundfunk (WDR), que produziu as obras.

O farto material sonoro justifica-se pela marcante presença da música experimental nas raízes do movimento. Fator que indica a origem e os rumos dessa manifestação artística. Os concertos performáticos –abertos a intervenções da platéia –aconteciam sem programas fixados, local e horário.

Muitas das “partituras” foram elevadas a obras de arte. Um dos exemplos, entre dezenas deles, é “Solo para violino”, de Nam June Paik, que mostra apenas a silhueta de um violino desenhado a caneta na pauta musical. Ou ainda a obra “Mozart Mix”, de John Cage, construída em uma maleta de madeira que comporta, entre outros objetos, quatro toca-fitas, fitas com músicas e a inscrição “Music withOut horiZon soundscApe that never sTops”.

Outras produções são limpas, simples, além daquelas que parecem enigmas ou algum tipo de estudo a ser decifrado. Um exemplo é a obra “Schreibmaschinengedicht” (“Poema para máquina de escrever”), de Tomas Schmit. Ao “leitor” resta apenas uma alternativa: para ler o poema só decifrando os números inscritos – referentes às respectivas letras das palavras – no teclado desenhado.

Obras como essas criaram um universo, um movimento tão amplo e inominável que classificar as diversas manifestações artísticas de fluxistas é quase uma tarefa impossível.

**Indefinição**

“O movimento é de difícil definição. Fluxus não é um movimento estático, é fluente, versátil. Os artistas fluxistas trabalham a interdisciplinaridade. O Fluxus é contra as instituições e se opõe aos ideais burgueses de arte. É contra o quadrado e acontece fora dos museus e espaços pré-definidos”, afirma Claudia Römmelt Jahnel, diretora do Goethe-Institut /Curitiba e responsável pela organização da mostra em Curitiba.



Museu Oscar Niemeyer

Segundo a crítica de arte alemã Ursula Zeller, apresentar Fluxus em uma exposição é uma das tarefas mais difíceis no âmbito da mediação da arte para o público. "A base e a intenção deste movimento artístico é constituída por um paradoxo indissolúvel. Antes de mais nada, Fluxus se define como o não-intencionado e não como um posicionamento ou uma afirmação positiva. Fluxus é um evento que ocorre espontaneamente num preciso momento e aceita sua própria efemeridade."

Ursula diz que Fluxus só pode ser transmitido através de sua "própria contradição constitutiva", como documentação através de fotografias, ensaios, objetos – relíquias, múltiplas e publicações. Ela complementa: "A ponte para o nosso tempo pode ser construída com obras de artistas do Fluxus que estão criando na contemporaneidade, porém com o espírito daquela época." O Ifa, que responde pela organização da exposição, incluiu essas obras na exposição.

Apesar da dificuldade de definição, algumas das obras fluxistas remetem aos ready-mades de Duchamp. "As primeiras atividades do Fluxus ocorreram no início dos anos 60. Este período significou uma mudança de paradigma para as artes plásticas na Europa e nos Estados Unidos. O vasto campo do multifacetário movimento contra a arte, seguindo as idéias de Marcel Duchamp -Neo-Dada em Nova Iorque, Zero em Düsseldorf- permitiu uma pesquisa livre da realidade, questionando o significado tradicional da mídia artística", analisa a crítica.

### **O movimento Fluxus**

O movimento foi iniciado em 1962, quando ocorreu o primeiro festival Fluxus, no Museu Municipal de Wiesbaden, na Alemanha. O festival foi idealizado pelo empresário e artista lituanês George Maciunas, formado em diversas academias de arte de Nova York. Maciunas foi o primeiro a conceber uma série de concertos com o título Fluxus (Festivais Internacionais de Música Novíssima).

Em quatro finais de semana, representantes de diversas manifestações artísticas se apresentaram em Wiesbaden com peças de música performática e happenings, eventos e composições de música concreta, além de audições de antigas fitas de rolo e exibição de filmes. Segundo a curadora, Gabriele Knapstein, o conceito Fluxus, originalmente concebido por Maciunas como título para uma "Revista internacional de arte novíssima, anti-arte, música, anti-música, poesia, anti-poesia, etc.", serviu ao estímulo do infatigável organizador.

"A partir de então, Fluxus serviu como descrição de numerosos concertos e eventos, manifestos e edições, que nos anos seguintes ocorreram ou foram publicados –em grande parte graças a iniciativa pessoal de Maciunas –na Europa, nos Estados Unidos e no Japão." Porém, os primeiros impulsos do movimento vieram dos Estados Unidos com o músico e compositor John Cage, no campo da música experimental.

A revista programada nunca foi publicada, mas o conceito Fluxus permanece até hoje como indicação de uma "série de atividades de cunho artístico diferenciado". Apesar da Alemanha ser a "pátria fluxista", o movimento ultrapassou fronteiras e ganhou artistas adeptos até no Brasil. O trabalho extrapolou qualquer definição de gênero e reuniu músicos, literatos e artistas plásticos em projetos conjuntos. O resultado foi inédito.

#### **Serviço:**

*Fluxus na Alemanha 1962-1994 –Uma longa história com muitos nós*

Período de Exibição: 20/04 até 23/07

Produção: Instituto de Relações Culturais com o Exterior da Alemanha (Ifa) e Goethe- Institut/

Apoio: Governo do Paraná

Onde: Museu Oscar Niemeyer

Endereço: Rua Marechal Hermes, 999

Centro Cívico – CEP: 80530-230

Telefone: (41) 3350-4400

Horário: de terça a domingo, das 10h às 18h

Preços: R\$ 4,00 adultos e R\$ 2,00 estudantes identificados

(Crianças de até 12 anos, maiores de 60 e grupos de estudantes de escolas públicas, do ensino médio e fundamental, agendados não pagam)